



VISTA DE PORTO-ALEGRE NO BRAZIL.

PROVINCIA DE S. PEDRO OU RIO-GRANDE DO SUL.

I.

Das provincias em que o vasto imperio do Brazil se reparte, a do Rio-Grande do Sul, denominada hoje de S. Pedro, é a que em geral menos conhecemos; porque o trato e negocio mais frequente e directo, que mantemos com esse estado coirmão, anda d'ordinario encarreirado para as provincias mais ao norte, que por numero avultado de portuguezes são annualmente visitadas. É comtudo assaz impor-

tante esta porção extensa do territorio brasileiro pela situação e fertilidade, e nada menos o é pelo movimento commercial de Porto-Alegre, que é sua cabeça. — Estampando o aspecto desta cidade (1) tomado do fundeadouro, inverteremos a ordem mais natural da descripção que intentámos, começando agora por darmos breve idéa da capital, e concluindo no proximo numero com a noticia da provincia.

(1) Reduziu-se esta vista de uma que acompanha a perfeita planta de Porto-Alegre, que nos foi remettida pelo nosso correspondente alli, A. M. do Amaral Ribeiro.

Porto-Alegre não foi sempre a capital de Rio-Grande do Sul; haverá 40 annos, pouco mais ou menos, que lhe foi dado este titulo que anteriormente pertencia á villa do Rio-Grande. É cidade formosa, edificada em fórma d'amphitheatro n'um isthmo montanhoso, á beira oriental da lagôa de Viamão (2) quasi defronte da foz do rio Guaíba ou Jacuí. O paiz que a circumda, a bella vista que offerece, não desmentem o acertado nome, que lhe impozeram, de Porto-Alegre: eis como a descreve um viajante que publicou a sua relação em 1835 (3). «Cinco rios, vindo alli pagar o tributo de suas aguas fecundas, e juntando-se para formarem o Rio Grande do Sul, appresentam na frente da cidade uma caldeira vasta, semeada de grão numero de ilhas mui selvosas, povoadas de habitações campestres. Da banda de lá da cidade, ou da eminencia, a distancia de legua, uma ficira de morros, d'altura de noventa braças pouco mais ou menos, vai descrevendo um meio círculo, encaminhada ao sul e orlando desigualmente o rio por oito a nove leguas. — Entre a cadeia de alturas e a povoação dilata-se uma baixa, nivelada, e com tres a quatro leguas de circuito, encravada pelos montes ao sul, pelos cabeços de nascente e norte, e da parte de poente pelo Rio-Grande, que soberbo do cabedal de suas aguas corre magestosamente para sul atravez de rochedos de conglomerações, e vai formar, na sua corrente, a Lagôa dos Patos.

Para fallar exacto, a situação de Porto-Alegre fica entre duas bahias, separadas pela collina em que tem seu assento: uma, septentrional, ancoradouro e porto; outra, meridional, que as aguas em parte deixaram, e que ao presente já constitue uma especie de cidade baixa, enfeitada de jardins, veigas, cascas de forjas &c. Vê-se que seria facillimo ilhar Porto-Alegre, cortando a eminencia a leste, e abrindo o canal de junção com o ribeiro que serpêa na planicie.

Quereis desfructar um spectaculo scenico? . . . Chegai ao mais alto da collina, na praça principal, e vereis por ahí abaixo, para o norte [que como sabeis é o sul do hemispherio austral] a cidade que se estende em pendor ou ladeira, a enseada cheia de navios, as ilhas e o curso tortuoso dos cinco rios, que se dilatam exactamente como os dedos de mão aberta afastados uns dos outros; depois as casas de recreio que guarnecem semi-circularmente a praia, cuberta de sombras, da bahia; os valles forrados de mattas, que se prolongam em linhas parallelas aos outeiros do nordeste; a varzea, posterior á povoação, com suas hortas, pomares de laranja, bananeiras, coqueiros, cochonilheiras, em cercas de tapumes de mimosas amarellas, vermelhas, violetes, ou brancas, quasi sempre carregadas de flores; e alem disto, para lá dessa campina repousará aprazivelmente a vista nas lindas chácaras, quintas ou fazendas, bem preparadas, e picturesquemente postas no declive dos cabeços.

Suppondo que escolhestes para gozar este painel delicioso um desses dias tão communs naquella zona, por horas de sesta e tempo bonança, occasião que transmite á caldeira das aguas e ao rio a ap-

(2) É o extremo septentrional da Lagôa dos Patos: trazem-lhe o nome destas palavras: *Vi a mão*, porque cinco rios ahí vem parar, como os cinco dedos distinctos e afastados da mão humana bem aberta.

(3) Viagem a Buenos-Ayres, &c. Impressa no Havre, citada pelo Sr. F. Denis a pag. 161 do seu livro sobre o Brasil.

parencia de um espelho immenso; tereis um admiravel panorama. Tudo que virdes se dobrará reflectindo-se; as ilhas com seus gados, as casas e os contiguos plantios da zona torrida, as embarcações á vela, e uma infinidade de elegantes barcas serapintadas de diversas côres, que sulcam os sinco confluentes. Finalmente, encaminhando a vista para o norte, descobrireis [não sendo myope], lá no horisonte, a quinze leguas distante a cordilheira da Serra Grande encuberta em parte pela cerração de vapores.

Nem só agradaveis vistas se gozam em Porto-Alegre; tambem se desfructa boa saude: não há clima mais adequado aos temperamentos europeus: nada dos calores ardentes do Rio de Janeiro; nem das *polvaderas* e noites frias de Buenos-Ayres: o ar é temperado, balsamico, puro e salubre; por isso os facultativos não grangeiam aqui fortuna, e as boticas convertem-se em lojas de perfumes.»

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica, publicado em Paris em 1842 pelo Sr. Miguel Chevalier.

III.

SUPERFLUAS não estimâmos quaesquer observações sobre a importancia das vias de communicação, nós que quasi de todo as carecemos, quando em paizes muito melhorados n'este ramo ainda hoje se estão escrevendo obras com o fim especial de demonstrar as vantagens das estradas de toda a casta de terra e agua. Pelo contrario, julgâmos que o primeiro passo para obtê-las é illustrar os entendimentos, e trazê-los a uma convicção unanime sobre a necessidade que temos d'ellas. É mister que esta convicção penetre a todos, não só aos que votam e aos que administram e dispendem os tributos, aos que os pagam principalmente: porque quando os contribuintes tiverem uma só opinião sobre este ponto, está conseguido o mais difficil; o grande impulso está dado.

Limito-me á questão da necessidade e deixo as outras — a dos fundos, e do modo de os haver — e a do plano de communicações mais apropriado tanto á configuração do solo, e hydrographia do paiz, como aos seus recursos. Mas não devo omitir que me parece offerecer muitas vantagens o meio de construcção de estradas que fôr menos demorado, sem por isso prejudicar á perfeição d'ellas; para que esta geração possa começar a gozar do beneficio, e gozando-o resignar-se de melhor vontade aos sacrificios que elle impõe.

De pouco, comtudo, serviriam os transportes faccis, se os productos a transportar fossem escaços pelas difficuldades da producção. É uma das maiores difficuldades que entre nós entorpece a producção é a taxa demasiado alta do juro dos capitaes ou avanços que o lavrador precisa tomar de emprestimo para a cultura de suas terras. O rédito que elle paga d'estes avanços comparado com a renda liquida que percebe da sua propriedade rural mostra uma desproporção assustadora; porque em quanto pede emprestado desde 12 até 24 por cento e mais, só tira da terra um lucro, livre de despezas, de 3½ e 4 por cento. Calculando os avanços em cinco mil contos, e o juro d'elles a 18 por cento, vem este juro a importar em 900 contos. Se em vex de

18 fosse a 6 por cento, importaria em 300 contos, e a differença entre 300 e 900 que são 600 contos, seria o que annualmente se havia de poupar em proveito da agricultura. Ou este excesso de 600 contos nos gastos da producção agricola se considere lesivo ao agricultor, empobrecendo-o, e obrigando-o a abandonar a cultura das terras ou impossibilitando-o de as melhorar; ou ao consumidor rareando os cereaes e todos os outros productos do solo em consequencia do abandono de uma porção d'elle ou da incuria do cultivador; ou a outras industrias, causando em detrimento d'ellas uma elevação exorbitante e artificial na taxa do juro; em qualquer das supposições é um grande mal que convem remediar. E ainda que esta elevação da taxa do juro possa nascer, em grande parte, de uma má administração de justiça, e de um má systema hypothecario, má por offerecer pouca segurança de reembolso aos que emprestam; no caso especial de que trato, procede ella, principalmente, de um monopolio de capitaes, o qual monopolio só póde cessar, aproveitando-se, como convem, o elemento do credito. O credito, comtudo, na hypothese que figurámos não será empregado em crear valores de pura convenção, emprêgo contra o qual se levantam maiores objecções e que inspira alguns receios: o seu serviço ha-de consistir em tornar valores preexistentes disponiveis para a producção de valores futuros. Os valores preexistentes não nos faltam a nós, porque temos terras de sementeira, celleiros cheios e abundantes para a semente, animaes para a lavoura, comestiveis de toda a especie, e armazens de fazenda para o vestuario, e com as materias primas e os instrumentos necessarios á agricultura e os comestiveis e vestuario precisos aos trabalhadores, temos os trabalhadores indispensaveis ao fabrico rural. O que falta pois para que se possam pôr em acção todos estes meios, sem cujo concurso se não consegue a lavoura das terras? Falta ao proprietario ou ao rendeiro que o representa o instrumento das trocas que é a moeda ou o seu substituto, porque sem esse instrumento não podem circular todos aquelles objectos, e não podem circular e servir á agricultura, porque não podem trocar-se uns pelos outros. Não é, portanto, necessario, para sahir d'este embaraço, crear valores meramente convencionaes ou ficticios, basta crear uma moeda que tenha fundamento e hypotheca no valor da terra e até n'uma rasoavel reserva metallica, e que representando, d'este modo, um valor real, possa permutar-se por todos os outros valores, productos, serviços, ou instrumentos de que carece o lavrador até realisar a producção agricola. Aquella moeda será emittida por estabelecimento de credito: o estabelecimento adiantará d'ella ao lavrador, por um juro mui modico, as quantias de que este carecer: e o lavrador obterá com a mesma moeda, pois representa um valor incontestavel, todos os serviços e objectos de que precisar para o amanho da sua propriedade. E como o credito não é cousa que se crie e se adquira á vontade, seria para desejar que a instituição, favoravel á agricultura, fundada e organizada d'esta maneira, se prendesse a alguma outra instituição, tambem de credito, já estabelecida e arraigada, ou, pelo menos, a alguma companhia que já o tivesse; pela razão, mui obvia e simples que os capitaes, á semilhança das povoações, e das tropas, e das forças de toda a especie, valem mais, muito mais, condensados que disseminados.

Uma moeda papel assim fundada, offereceria toda a segurança que presta o dinheiro, pela circumstancia de exprimir valores determinados e reconhecidos: inteiramente differente do papel moeda que sendo, não numerario verdadeiro com a fórma de papel como a moeda de que acabo de fallar; mas papel, sem valor real, com a máscara de numerario, se estriba e auctorisa unicamente na vontade do imperante ou na lei; lei de que o mercado zomba porque obedece a outras, e se regula por outros principios.

De se não ter applicado o instrumento do credito aos avanços ou empréstimos de que a nossa agricultura precisa resulta, como acabámos de vêr, estar a producção nacional privada de um beneficio, ou antes sujeita a um encargo equivalente pelo menos a 600 contos annuaes. Quantos tem lido a obra do marquez de Audiffret sobre as rendas publicas de França sabem que a propriedade de raiz está allí gravada em dividas que montam a mais de 11 bilhões e 233 milhões de francos, que é uma somma superior a cinco annos e meio da renda líquida dos proprietarios ruraes, se avaliarmos esta em 2 bilhões de francos por anno segundo o calculo de Dupin em 1831. Não sei se sobre os nossos campos pésa um onus proporcional áquelle; mas posso afirmar sem escrupulo, creio eu, que a industria agricola está mais aperfeiçoada em França do que em Portugal. Se apesar de robusta, lá tem um cancro para devorar-lhe as forças, a nossa que ainda é debil como ha-de supportar parasitas tão daninhos como são os usurarios? É mister expulsar estes e outros inimigos que ainda a perseguem e a não deixam medrar, policia-la, e dota-la com os aperfeiçoamentos modernos. Duvidaes da efficacia destes aperfeiçoamentos? Consultai o seguinte quadro comparativo dos productos da agricultura ingleza e franceza em 1833.

Designação.	A Grã-Bretanha sobre 13 milhões d'hectares e com o auxilio de 5,209010 trabalhadores, produz:	A França sobre 40 milhões d'hectares, e com o auxilio de 22 a 24 milhões de trabalh., produz:
Grão	Hect. 56,000 §000	153,000 §000
Cavallos	170 §000	40 §000
Bois.....	1,250 §000	800 §000
Carneiros...	10,200 §000	5,200 §000

Este mappa que foi appresentado á consideração dos agricultores francezes, offereço agora á dos nossos para que vejam n'este exemplo que é possivel com menor extensão de terreno e menor numero de braços obter maior quantidade relativa de productos ruraes. É phenomeno que se explica pela superioridade das vias de communicação, das machinas, das instituições de credito que proporcionam avanços baratos ao agricultor, e pela excellencia dos methodos — em Inglaterra. E em França o phenomeno opposto, que essa offerece, de muito menor producção rural, ou comparativa ou absoluta, com mais vasta extensão de terras de lavoura e muito maior numero de trabalhadores effectivos, explica-se, ao contrario, pela inferioridade que lá manifestam os mesmos instrumentos productivos, que deixo enumerados, quando se confrontam com os de Inglaterra.

(Continúa.)

A. d'O. Marreca.

MORAL UNIVERSAL.

Se o homem fosse dotado da presciencia do futuro, seria elle mais feliz ou mais infeliz do que o é actualmente?

ESTA questão foi ventilada ultimamente com muita erudição, e desenvolvida com muita sagacidade e eloquencia por um grande numero de jovens oradores e por um dos mais antigos e distinctos professores desta córte, na illustre Academia Lisboense das Sciencias e das Lettras. Fechada a discussão, eis-aqui, como o presidente resumiu os debates afim de appresentar, debaixo d'um ponto de vista claro e desembaraçado de todo o equívoco, o estado da questão, que ia pôr a votos.

*

Senhores: Quando, enunciada uma thése, pessoas dotadas de saber e de boa fé se pronunciam decididamente em sentidos inteiramente oppostos; é forçoso concluir ou que a questão foi mal posta ou que os contendores tomam as expressões, de que consta a thése, em sentidos absolutamente diversos uns dos outros. As vezes a divergencia das opiniões deriva d'ambas estas causas.

Fazendo applicação deste principio de dialectica á questão que tão erudita e eloquentemente tenho ouvido debater neste recinto, direi: que a divergencia d'opiniões, manifestada pelos illustres oradores, me parece provir, principalmente, de que a questão, com effeito não foi bem posta. Eis-aqui como eu entendo que ella deveria ser concebida: *Seria o homem mais feliz ou mais infeliz se previsse os futuros?*

Como é que os homens prevêem os futuros? Mediante a analogia das cousas que lhes indica a conformidade dos effeitos. Se a analogia é perfeita e constante, a previsão é acompanhada de certeza: isto verifica-se raras vezes. Se as analogias são fracas e as observações variaveis, a previsão é duvidosa ou mais ou menos provavel; mas não certa: isto é o que acontece á maior parte das previsões humanas. Mas as mais das vezes nada podemos prever, nem presumir. Estas são todas as phases de presciencia humana. Portanto perguntar: se o homem seria mais feliz ou mais infeliz se previsse todos os futuros, val o mesmo que perguntar: se o homem seria mais feliz ou mais infeliz, se não fosse homem; porque o ente que conhecesse todos os futuros, seria d'uma natureza inteiramente diversa daquella que só pôde conhecer alguns poucos com certeza; mais alguns com duvida; não lhe sendo dado, em quanto fôr o que é, conhecer todos os futuros.

Ora como ninguem discutiria seriamente a questão: Se o homem seria mais feliz se não fosse homem; tambem se não pôde discutir seriamente a questão proposta do modo como ella foi enunciada.

Para ella ser uma questão seria e susceptivel de se tratar com utilidade pratica, deveria ser concebida nestes termos: Em igualdade de circumstancias, qual é mais feliz «o homem que prevê um maior numero d'acontecimentos futuros, ou aquelle que só prevê um pequeno numero? Depois de assim posta a questão, debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, segue-se ponderar até que ponto a simples previsão dos acontecimentos futuros entra, como elemento de felicidade do homem; pois é evidente que esta depende de muitas outras condições; sendo certo que a desgraça prevista pelo ho-

mem de bem o affecta mui differentemente do que por aquelle que não acha na sua consciencia corrompida e aviltada, nem resignação, nem coragem. Alem disso, os futuros podem ser mais ou menos provaveis, mais ou menos faceis de prevenir, quando elles são contingentes: e nesses casos tambem a previsão, por si só, não basta para fazer o homem que della é dotado, nem feliz, nem desgraçado. Se é prudente, essa previsão lhe proporcionará os meios de evitar ou de minorar as funestas consequencias com que o futuro o ameaça. Se lhe falta a prudencia, essa previsão augmentará a sua infelicidade.

Assim o conhecimento do futuro, sendo todas as outras circumstancias iguaes, nada influe sobre a felicidade humana. Se suppozermos dois homens igualmente circumspectos, e probos, mas um mais habil do que o outro em prever o futuro, esta previsão contribuirá a diminuir-lhe a somma de males, sem por isso o fazer mais feliz: porque o outro achará na sua consciencia motivos para viver satisfeito com a sorte que lhe houver deparado a Providencia.

Dos perversos é que se pôde dizer que a previsão do futuro os tornará mais desgraçados; porque lhes offerecerá mais meios de seguirem os impulsos da sua perversidade, tornando-os mais dissolutos ou desesperados.

Não é sem grande satisfação que no decurso deste interessante debate, observei, que todos os illustres oradores concordaram em que a felicidade do homem consiste no gozo de pureza da alma e de saude do corpo ou, como se exprimia o philosopho romano: *Mens sana in corpore sano*: duas condições que se podem realizar no mesmo gráu em pessoas dotadas do talento da previsão dos futuros em gráus muito diversos. N'uns essa previsão pôde tornar mais difficil a conservação da pureza da alma e da saude do corpo; n'outros torna-la-ha mais facil; mas como aquellas duas condições da felicidade são resultados d'uma boa constituição physica e moral, recebida da natureza, e da educação (obra da arte humana exercida sobre o homem desde a sua nascença); já se vê que o seu adimplemento precede a esta previsão dos futuros, cujo gráu de perspicacia não gera, nem influe d'um modo invariavel sobre aquellas condições.

Portanto a thése ventilada não só foi mal posta, porque tomou a palavra *presciencia* n'um sentido que, a verificar-se, o homem não seria homem; mas tambem porque encerra a palavra *felicidade*, cuja existencia é independente do maior ou menor gráu de previdencia do futuro, quanto á sua existencia: e só a sua conservação é que n'uns seria mais difficil, n'outros mais facil; porem não já em rasão do gráu da previdencia de que cada um é dotado, mas do gráu de energia moral e de força physica com que cada um é constituído pela natureza e aperfeiçoado pela arte da educação.

Donde resulta: que devemos fazer uma segunda modificação á thése, enunciando-a deste modo: A previdencia do futuro contribue a augmentar ou a diminuir o numero de males a que é sujeita a especie humana?

Assim appresentada a questão, fica muito mais obvia a resposta; porque logo occorre que, segundo cada um fôr dotado de mais ou menos prudencia, de mais ou menos energia de character, maior será o partido que elle tirará dessa previsão. Logo ocorre: que o homem frouxo ou covarde, o homem dominado pelas suas paixões, não pôde deixar de

aterrar-se com a certeza dos males inevitáveis, que o esperam em determinada epocha; bem como com os que, sendo contingentes por sua natureza ou porque dependem da vontade de outrem, o trarão em continuo sobresalto, e o reduzirão á horrivel qualidade de misanthropo. Pelo contrario o homem prudente e avisado, tomando conselho das circumstancias, procurará e conseguirá muitas vezes atenuar os males que não póde evitar, e mesmo se forrá a muitos que não teria declinado se os não tivesse previsto. Virtuoso e confiado na sabedoria do Creador, esperará com animo firme e resignado os males que prevê não estar na sua mão o evitar; e, longe de considera-los como um verdadeiro mal, reflectirá: que, se o homem vulgar os appella males, porque lhe causam incommodo, o philosopho, e mais ainda o christão, não vêem nesses acontecimentos senão um decreto emanado da infinita sabedoria, da infinita bondade de um Deus, que não póde querer nem ordenar senão o que é bom e acertado, o que é mais conforme aos fins imperscrutáveis, mas infallivelmente uteis e justos da criação.

Com effeito, diz o philosopho, recorrâmos ao unico meio de chegar ao descobrimento da verdade, isto é á definição: e examinemos o que se entende por mal.

Todas as vezes que, reflectindo nós sobre o encaideamento d'uma serie de causas e effeitos, observâmos que algum acontecimento superveniente desarranja esse systema, dizemos que esse acontecimento foi um mal para aquelle systema; mas uma segunda reflexão nos faz descobrir que sem o desarranjo daquelle systema [isto é sem o que é má para elle] não poderiam funcionar muitos outros: o que seria maior mal. Certo: as doenças que, a final, causam a morte dos entes organisados, são males para esses entes; mas na ordem da criação devem-se chamar, e são na opinião de todos verdadeiros bens. Quando se diz, e diz-se com verdade, que não ha males sem compensação, quer-se dizer: que a experiencia mostra, não acontecer jámais cousa que, sendo má, debaixo de certo ponto de vista, não seja um bem considerada a outros respeitoos.

Se o mundo é um todo maravilhosamente ordenado como não ha ninguem que o desconheça; e essa admiravel ordem resulta do complexo dos acontecimentos que nelle se passam; isto é, tanto dos que nós chamâmos bens porque nos causam prazer, como dos que chamâmos males porque nos incommodam; segue-se que relativamente ao grande fim da criação, esses que nós appellidâmos males, são verdadeiros bens.

Voltando pois á questão que tem feito objecto das nossas discussões, a saber: *se a presciencia dos futuros fazia o homem mais feliz ou mais desgraçado* concluiremos que não se trata de saber o que o homem seria se prevesse todos os acontecimentos futuros; porque para poder prevêê-los seria preciso que o homem fosse constituido d'outro modo; isto é: que o homem não fosse homem; e então já vêdes que a questão se reduzia a perguntar: se o homem seria mais feliz se não fosse homem: e propór tal questão seria uma inepcia.

Mas se, reduzindo-a aos seus verdadeiros termos, perguntarmos: se é mais conducente para a felicidade do homem conhecer elle os futuros, que humanamente se podem conhecer: occorre logo que dessa previsão umas vezes hade resultar maior bem, outras vezes menor, segundo o uso que a pessoa

souber fazer della: e logo, o ser feliz ou desgraçado, depois da presciencia daquelles futuros acontecimentos, não provém dessa presciencia, mas das qualidades moraes do individuo em que ella se verifica.

Elucidada assim a nossa questão porci primeiramente a votos: se ella é susceptivel de ser decidida pela votação cathogorica de *sim* ou *não*. E se se vencer que o é, proceder-se-ha á votação sobre a these, tal como ella foi primeiramente concebida.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

DISCURSO

Em que Alexandre de Gusmão mostra os interesses que resultam a S. M. F. e a seus vassallos da execução do tractado de limites da colonia do Sacramento, ajustado com S. M. Catholica ().*

PUBLICAR trabalhos alheios, quasi mortos por escondidos, é de certo mais por desejos de ser util do que por ambição de adquirir honra ou gloria. O Sr. J. M. T. de C. colleccionou e publicou no Porto em 1841, varios escriptos politicos e litterarios do celebre americano, Alexandre de Gusmão, conselheiro de capa e espada do conselho ultramarino, e confidente e secretario privado d'elrei D. João 5.º: — é serviço para agradecer-se. Tambem desejoso de ser util de algum modo á nossa historia politica, e á nossa litteratura, julgo dever publicar um manuscripto do mesmo auctor, que não achei na collecção do Sr. J. M. T. de C., nem nas Memorias da Academia Real de Historia Portugueza, nem na Bibliotheca de Barboza Machado, nem em fim nos differentes jornaes litterarios, onde se hão publicado differentes escriptos de A. de Gusmão.

A 10 de janeiro de 1750 ajustou-se entre a cõrte de Lisboa e a de Madrid um tratado de limites, relativo á colonia do Sacramento, situada na margem septentrional do rio da Prata: — foi este tratado vivamente impugnado, logo depois da morte do Sr. D. João 5.º, em um papel escripto pelo brigadeiro, Antonio Pedro de Vasconcellos, que tinha sido governador da colonia. A resposta que Alexandre de Gusmão deu a este escripto é curiosa e instructiva, pelas idéas politicas e economicas, que o auctor expende, e pela vastissima sciencia topographica que nella se acha: — está publicada na collecção do Sr. J. M. T. de C.

O manuscripto, de que hoje trato, é ácerca da mesma negociação; — foi escripto quando A. de Gusmão, em consequencia da demora da execução do tratado, começou a sentir vivos receios, que se lhe não desse effeito: — é um complemento do primeiro manuscripto; que deverá ser inserido em uma segunda edição da Collecção do Porto, e que no entanto parece acertado tirar á luz publica.

* J. P.

O estado em que o rei defuncto, nosso Augustissimo Monarcha de eterna memoria, havia deixado a negociação, que na cõrte de Madrid se manjava sobre a colonia do Sacramento, situada na margem septentrional do rio da Prata, nos tinha cheio de esperanças de ver finalizada por um meio amigavel a antiga controversia das duas cõrtes de Portugal e Castella, a respeito dos limites da Ame-

(*) Refere-se o A. em parte do seu discurso á Provincia de S. Pedro, cuja capital é Porto-Alegre; vid. gravura anteposta a este n.º

rica: porem havendo-se demorado a execucao deste plano, entramos a dar algum assenso ao que ouvimos, de que as representacoes feitas ao nosso ministro [em que se mostra que as vantagens offercidas nos paizes commutados não recompensam de algum modo os interesses com que nos contribue aquella praça] tem causado movimentos contrarios ao que se havia regulado: — somos obrigados a entrar nesta pequena dissertação sem espirito de parcialidade, antes bem desejosos de que se nos dêem melhores razões, do que as que nos illustram, para abraçarmos differentes sentimentos dos que seguimos.

A guerra passada, a que pôz termo o tratado definitivo, concluido no congresso de Aquisgran no mez de outubro de 1748, mostrou á Hespanha as grandes sommas de prata, que se extrahiam dos seus dominios pela colonia do Sacramento, e quanto inuteis eram as providencias dos seus governadores a remover o contrabando. Da mesma sorte tem sido reconhecidas infructuosas todas as diligencias a fim de impedir a introducção nos seus portos e povoações dos generos que transportamos para o Brasil; cujas informações, longe de chegarem diminutas, são referidas com toda a affectação imaginavel, pelos officiaes a quem toca evitar os ditos contrabandos, na intenção de que se lhes não imputem ommissões.

A mesma córte de Madrid fez publico os descaminhos da prata de suas minas pelo canal da colonia, tendo em Lisboa emissarios para tomar noticia dos hespanhoes, que iam nas nossas frotas, e participar-lhes os cabedaes que levavam, o que se naquelle tempo pareceu meio de segurar os importantes direitos que delles lhe toca, algum dia descobrirá que para esta averiguação concorreu outro objecto!

Nada prova mais quanto somos capazes de enganar-nos nas nossas cousas, como entender que Hespanha dorme tão descuidada dos seus interesses, que podendo fechar-nos a porta do rio da Prata, permite nelle o trafico que com os seus vassallos entretemos. Ninguem ignora quanto os principes são zelosos de que dos seus reinos se não extraiam as riquezas que nelles ha, ou entram; sacrificando-se por esta conservação, em muitas occasiões, [quando se illudem outros recursos] aos males de uma guerra.

Acaba de apparecer a em que a mesma Hespanha entrou com Inglaterra no anno de 1739, não tendo mais causa que impedir o commercio clandestino: — nada contrapesaram o rompimento as considerações de que os bons successos das armas são contingentes, e os danos indefiniveis, maiormente com um tal contrario, que motiva terror á Europa: — nenhuma inclinação fizeram á balança para a mover á dissimulação.

Neste supposto, que podemos esperar se offereça tão natural, como uma infracção entre portuguezes e castelhanos, aos quaes sempre será vantajosa toda a acção obrada no rio da Prata, por serem senhores de seus portos e das campanhas de uma e outra parte? Na defeza, que fizemos ha quinze annos na colonia, se nos pôz á vista esta superioridade. Estavamos nella empenhados com todo o nosso poder, e apenas mostramos uma pasmosa constancia em soffrer trabalhos, ao passo que os hespanhoes, sendo recolhidas as suas náus nas muitas enseadas daquelles rios, desfructavam as commodidades do seu paiz, sendo testemunhas da nossa mi-

seria e consternação, e de que ainda se não extinguiram as cicatrizes.

Tudo corria de nossa parte a um exito lamentavel; — já a esquadra que foi mandada em soccorro da mesma colonia, em que estava toda a nossa reputação, havia sido obrigada, por falta de amarrações, a abandonar aquellas costas, e o que então eram forças, principiaram a ser exforços. Finalmente [por dizer de uma vez o que occorre] teriamos tocado o ponto da ultima miseria a não estar no Rio de Janeiro o ardente espirito do general Gomes Freire de Andrade, a quem se não poderá negar toda a gloria, que adquiriram nesta occasião as nossas armas.

Á vista disto, em que parece não pôde haver contestação, será conforme ás maximas de algum politico votar contra a cessão [e é agravo, pôr em questão a equidade do convencionado por uns reis de quem a posteridade não ouvirá fallar sem admiração] de um dominio que por deposito tem a Hespanha nas nossas mãos, com o titulo d'emphyteutico para o haver todas as vezes que quizer?! Ao zêlo de algumas pessoas que chegaram a proferir, que a córte de Londres, tendo oportunidade, procuraria arvorar sua bandeira naquella parte donde retiravamos a nossa [nada se tem poupado que possa servir a inculir-nos as idéas de que este é um phenomeno sem exemplo], se responde, que se os inglezes interessassem em possuir alguma feitoria no rio da Prata se teriam lançado sobre Maldonado ou Monte-Video, cujos portos [que não são menos commodos para o contrabando] tem mais capacidade que o da colonia, aonde não ha o necessario fundo para a ancoragem dos navios grandes, e para as suas esquadras que forem montar o cabo de Horn. Mas esta nação sabe [e qualquer outra na Europa] que não é o mesmo conservar nas Antilhas Jamaica, Barbada, Coraçau e Martinica, que uma colonia no quinto clima do continente da America Meridional!

Com isto estava tambem satisfeito o ponto, e evadido o receio de introduzirem suas manufacturas nas nossas conquistas; porem como esta materia é tão delicada, que ainda assim se não vencerão animos capazes de vagas impressões, deter-nos-hemos sobre algumas reflexões, que rodavam sobre o mesmo ponto; porque tambem se nos faz temer que os hespanhoes conduzam os seus generos ao centro das nossas minas: projecto espantoso, e que em qualquer mediocre discurso passará por allucinação. Quem não soubesse os dilatadissimos sertões de quasi 500 leguas, que se entrepoem; as asperidades do caminho por onde se havia de fazer o transito por causa de umas elevadas serranias, facilmente daria assenso a quanto se nos propõe para acautelal o defraude do nosso ouro: — porem os que estão verdadeiramente informados destas insuperaveis difficuldades, de necessidade se hão de rir de semelhantes proposições: maiormente considerando-se os modicos preços por que correm entre nós [ainda nos mais remotos logares] toda a qualidade de mercadorias transportadas nas nossas frotas, podendo os que do rio da Prata intentarem este trafico conduzi-las ás vastissimas provincias de Chereas, Potosi, Chili, e ao resto do Perú, aonde as reputariam com avanços de duzentos por cento mais do que lhe produziriam nas nossas povoações.

Se achamos lucro em vender os nossos effectos aos hespanhoes, que as vem buscar á colonia, ainda maior que leva-los ás nossas mesmas minas, que

interesse tirariam os estrangeiros que procurassem este trato com ellas? Sem enumerar os commissos a que se expunham os transgressores das leis para este fim estabelecidas, que despezas não faziam?

Quem ouve dizer que de todos aquelles excogitados inconvenientes nos põe a coberto a dita colonia comprehende, que ella é o sagrado palladium, em que está posta a sorte do nosso destino; que no rio da Prata não ha mais porto que o seu, para o que esperam outras potencias o praso de que o larguemos, para nelle se fundarem, e que é algum baluarte ou barreira, que impede o passo ás nossas terras; porem os que tem instrucção mediana dos primeiros elementos de geographia, alcançam que o mesmo effeito faria o forte de S. Philippe em Cadix a um exercito, que quizesse por Portugal penetrar o seio de Hespanha, ou os Dardanellos no estreito de Gallipolli, e o golpho de Patras no Lepanto contra uma irrupção pela Ungria no imperio ottomano, do que as muralhas daquella praça aos que achassem commodidade em commerciar conosco pelo caminho de Curitiba. Pelo que toca a transferirmos com ella o direito que temos a uma grande extensão de paiz, que nos pertence, e de que estão de posse os hespanhoes [ainda que não entramos na discussão desta materia, porque estamos certos, que por mais volumes que se publicassem a este respeito seriamos respondidos de outros tantos da parte dos nossos limitrophes, nem esta empreza é igual ás nossas forças, pois para outros engenhos de mais profundos pensamentos está reservada, contentando-nos de mostrar aos que estão mais abaixo dos nossos alcances, que segundo a consistencia presente do nosso reino, por todos os principios nos é muito conveniente a cessão] perguntámos que poder temos para o cobrar? A que guerras se não exporá a monarchia, e que tempos se não gastarão nesta guerra?

Quando só a defeza da colonia nos custou sommas consideraveis, e de que em muitos annos nos não resarcimos! ou se os hollandezes, que nos despojaram das melhores provincias da India, tivessem a bondade de nos deixar um pequeno terreno na ilha de Java, e comtudo temos bom direito a todas aquellas conquistas! O equivalente que se nos dá é muito mais importante do que conhecemos. As dilatadissimas campanhas que se comprehendem dentro da demarcação, que nos fica, são capazes de sustentar muitas mil pessoas: na creação das vacarias, bestas muares e cavallares, se farão opulentos os que tomarem este modo de vida, navegando os seus couros e carnes para os portos do Brasil, e os mais animaes teriam uma grande sahida para o serviço das povoações aonde teem delles necessidade. Não seria menor o negocio, que se entreteria com os hespanhoes de Buenos-Ayres, Santa Fé, Paraguay, aos quaes sempre faria conta o ir buscar os nossos generos para os provimentos de suas casas, e para os irem vender a outras provincias.

Fazem-nos porem cargo de que pelo Rio Grande nos não chegariam em fórma que fizesse conveniencia o reputa-los pelo mesmo que na colonia, podemos responder que nas perdas que temos experimentado de navios desde o anno de 1740, em que se tem diminuido uma grande parte da importancia naquelle ramo do novo commercio pelo rio da Prata, ha bem donde compensar 6 ou 8 por cento, que mais importarão de custo os transportes pelo mesmo Rio-Grande, em cuja navegação não havemos experimentado prejuizo consideravel.

O excessivo numero de mulas e machos, que aquelles paizes produzem, onde de ordinario valem 3 ou 4 pesos, e o grande numero de rios navegaveis, que descarregam suas aguas na lagôa Merim, facilitaria muito as conducções, principalmente sendo todo o mais caminho por campanhas rasas e abundantes de ribeiros e casas, com que se faz a jornada commodamente, devendo-se advertir, que não se augmentaria mais caminho, que o de 60 leguas que ha de differença da colonia a Castilhas, as quaes ficariam na metade fazendo-se transito por Monte-Video.

A ponderação dos que dizem, que com a troca não evitámos que os hespanhoes nos venham inquietar nas nossas colonias se satisfaz affirmando-se, que não só nos segurámos melhor das suas hostilidades, e incursões dos indios, tendo unidas as nossas forças, tanto para conservar o que está adquirido no Rio grande de S. Pedro, d'onde teremos com que encher os nossos armazens e manter sufficientes tropas, mas tambem podêmos intentar desde alli algumas conquistas nos visinhos, quando nos deem motivo para a justa represalia. Que vantagens não tiraremos da Capitanía de Matto-grosso sendo-nos commum a navegação dos rios que desaguão no das Amazonas! por onde se tem aberto communicação entre o Maranhão e a dita capitanía, á qual necessariamente se opporão os hespanhoes por estarem senhores das suas margens, não tendo effeito o referido tratado! Que utilidades se não sacariam do commercio por aquella parte, podendo-se livremente affirmar chegariam as fazendas por Santa Cruz de la Sierra a Potozi e a todas as mais cidades que lhe ficam visinhas, menos cento por cento do que lhe podem entrar dos dois portos de Buenos-Ayres e Lima, de cujas costas sómente se pôdem fornecer, pela distancia de mais de 600 leguas que delles dista: alem de segurarmos aquelles rios descobertos, pois os hespanhoes teem feito publicar em varios impressos, que o Cuyabá está dentro dos seus dominios!

Deus queira que o differir-se a execução do tratado dos limites não seja causa de que a côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a transacção e permutação, admitta ideas menos conciliosas das que nos tem mostrado, e que valendo-se de outros recursos reclame o ajustado, deixando-nos depois de uma tão laboriosa negociação sem uma nem outra cousa. = Disse. =

Silvicultura.

I.

Os ANTIGOS germanos denegavam os direitos de chefe de familia aquelles que não provassem haver plantado em suas herdades certo numero d'arvores. Os gaulezes deram ás florestas a maior consideração que podiam conferir-lhes, consagrando-as aos seus deuses: os romanos tambem divinisaram os bosques quando os dedicaram ao culto d'algumas de suas divindades; d'ahi veio o *lucus sacer*, que a cada passo encontrámos nos escriptores latinos; costume que passou á Lusitania, e do que ainda temos vestigios nos logares chamados = lógo de Deus = que é a versão litteral de *lucus Dei*. A utilidade e vantagens das arvores, dos bosques e florestas foram

assim proclamadas, e asseguradas pela sabedoria dos legisladores antigos por meio do cunho religioso que mais poderosamente influe na imaginação dos homens.

Nossos soberanos, apenas descansados da fadiga das armas pela total expulsão dos mouros do solo portuguez, se não esqueceram daquella tarefa benéfica, tão proveitosa nos usos domesticos e sociaes quanto preciosa para a salubridade dos ares. Elrei D. Diniz, o mais sabio e providente monarcha do seu tempo, sabiu elle mesmo de Lisboa, sua côrte, com a rainha St.^a Isabel, sua mulher, e foi estabelecer-se nas charnecas invias e çáfaras entre Leiria e o Oceano, fazendo arrotar e plantar esse famoso e gigante pinhal da Marinha Grande, que ainda hoje, apesar de grandes desastres, é um dos maiores thesouros do estado. O lugar chamado *Monte real*, ahí visinho, de que elrei fez presente á rainha por essa mesma occasião, está ainda hoje attestando com o seu nome a residencia que alli fizeram os dois inclitos soberanos. Elrei D. Pedro 1.^o fez igualmente romper e povoar d'arvores e searas uma parte da charneca entre Obidos e Atouguia; e no meio d'ella, para animar esses trabalhos, levantou paços e castello, cujos muros ainda se avistam direitos no lugar chamado *Serra d'elrei*.

A solicitude dos legisladores, e a sancção penal seguiu mais tarde aquelles bons exemplos. João Pedro Ribeiro na sua Dissertação 22, no tom. 5.^o dellas, apontou um alvará d'elrei D. Manuel, datado em 13 de dezembro de 1499, *relevando por aquella vez das penas em que haviam incorrido os moradores do reino por não terem plantado arvores*: boa próva de que antecedentemente havia legislação preceptiva a tal respeito. O auctor do Elucidario na palavra *couteiro*, referindo-se a documentos que encontrou no archivo da camara de Coimbra nos deu a conhecer que já desde o tempo d'elrei D. Affonso 5.^o, por alvará regio de 1464, se inhibiu debaixo de severa punição que alguém fizesse queimadas junto ao Mondego a fim de não prejudicar as mattas e arvoredos nas encostas e vertentes ao mesmo rio. Elrei D. Manuel renovou a prohibição em 1504; e o alvará novissimo de 28 de março de 1791 para o encanamento do Mondego não foi omisso nesta providencia, antes prescreveu expressamente a conservação dos antigos, e plantação de novos arvoredos, os quaes hoje alegram os viajantes que por terra ou agua atravessam aquelles deliciosos cinzeiras desde Coimbra até Montemor velho.

Tudo attesta o cuidado e sabedoria passadas, o nosso desleixo e barbaridade actual neste relevantissimo objecto! Se nos não dermos pressa em acudir ao pendor e licenciosidade presente, brevemente ficará o reino convertido em escalvada serra e estereis abrasados plainos. D'um lado o furor com que para plantar bacellos se arrancam olivae, mattas, pinhaes e mais arvoredos, e do outro a devastação progressiva e ascendente dos sobreiraes, azinhos e carvalhos para os reduzir a carvão, tem feito já desaparecer immensas florestas. E se ao menos estas contínuas subtracções fossem substituidas por o plantio de outros arvoredos, alguma compensação haveria; porem não acontece assim: á excepção de Lisboa e Porto, e poucas mais terras grandes onde se vêem, e se goza já, com grande gosto e commodidade, da sombra e oxigenio das arvores novamente plantadas, tudo o mais existe em deploravel abandono; e nem os particulares em suas herdades, nem os concelhos e municipalidades, apesar

do dever de seus regimentos, se lembram de pôr uma só arvore, cobrindo e abrigando da acção do sol as fontes publicas, os rocios, as sabidas da povoação, ou ainda mesmo os pantanos insalubres que todos os annos dizimam a população contagiada. Nós damos rebate com este artigo áquelles a quem cumpre precaver e remediar tão graves absurdos: é indispensavel fazer executar as leis antigas, e estabelecer uma norma regular e systematica d'alguma legislação florestal. Uma liberdade illimitada neste objecto é insustentavel; o capricho e a inexperiencia d'alguns, a incuria e perguiza de outros reclamam a acção da auctoridade. Todas as nações o tem reconhecido, sigâmos seus passos com discricção, e envergonhemo-nos de sermos menos industriosos que nossos passados.

Não nos pertence dar a norma dos preceitos legislativos para pôr um dique á permissão indefinida e arbitraria dos proprietarios a respeito do côrte e arrancamento das mattas e florestas, nem para tornar effectivas e syndicadas as obrigações dos membros do municipio a quem incumbe essa importante tarefa. Persuadimo-nos porem que dois pontos principaes são de tão evidente e clara regulação que podêmos abalançar-nos a os fixar aqui: 1.^o prohibir absolutamente o côrte e arrancamento das arvores, mattas e florestas nas collinas, encostas e areas. 2.^o defender de cortar ou arrancar em mais d'um decimo annualmente as que estiverem plantadas em valles ou planicies; menos que não preceda inspecção e accordo do conselho do districto, que poderá permittir em casos graves e excepçoes exceder aquella quota, substituindo-a devidamente. Isto quanto á ingerencia prohibitiva da acção legislativa: quanto ás exhortações e preceitos industriaes e domesticos, diremos no artigo seguinte. Nós não ignorâmos o axioma tão encarecido dos economistas modernos, de que o auxilio ás artes e á industria consiste na liberdade que se lhes deixa, e na benevolencia e favor que se lhes distribue. Assim o cremos tambem; mas accrescentâmos que favor e protecção é tambem livra-las da irreflexão, da inexperiencia, do desleixo e da insensata phantasia.

(J. da C. N. C.)

EXEMPLOS DA COBIÇA DE SABER.

Socrates apprendeu a tocar instrumentos sendo velho.

Catão na idade de oitenta annos apprendeu a lingua grega.

Plutarco achava-se avançado em annos quando quiz aprender o latim.

João Gellida, de Valencia, tinha quarenta annos quando se entregou ao estudo das Bellas-lettas.

Henrique Spelman tornou-se a applicar ao estudo das sciencias, e com grande aproveitamento, contava então cincoenta annos de idade.

Fairfax, depois de ter commandado como general as tropas do parlamento inglez, quiz receber o gráu de doutor na universidade de Oxford.

Colbert, quasi sexagenario, recomeçou os estudos de direito e de latim.

Le Tellier, sendo chancellor de França, pedia lhe repetissem lições de logica, para fazer perguntas a seus netos.

Voltaire dizia, pouco antes da sua morte, que todos os dias apprendia.